

IDEOLOGIA, ESCOLA E O SER MENINA/MULHER

Lívia Catarina Matoso dos Santos Telles¹

Luciana Semeão da Silva²

João Guilherme Rodrigues Mendonça³

RESUMO

Assim como acontece em áreas do conhecimento, como a área de Exatas, a Informática é dominada por homens. São poucas as mulheres que consertam computadores e desenvolvem programas computacionais. Diante desse cenário, problematiza-se como estimular a participação feminina na área partindo da formação ofertada nos cursos técnicos em Informática do Instituto Federal de Rondônia (IFRO). A presente pesquisa foi realizada por meio da observação participante, com base na leitura de textos e análise de situações vivenciadas por alunas acerca do preconceito de gênero presente no ambiente escolar, preconceito este direcionado a meninas/mulheres que estudam no curso técnico em Informática. Foi averiguado que a inserção das temáticas de sexualidade e gênero no currículo formal do curso é bastante reduzida, havendo uma proeminência e preferência em relação às disciplinas técnicas, diminuindo os espaços para que se possa trabalhar esse tipo de desigualdade de gênero.

Palavras-chave: Ideologia, Educação, Gênero, Curso de Informática.

INTRODUÇÃO

O objetivo principal desta pesquisa é verificar se existe espaço no currículo escolar do curso de Informática na modalidade técnico integrado ao Ensino Médio para que os alunos debatam sobre o preconceito e a exclusão de gênero e se podem identificar a existência, ou não, de uma maior dificuldade por parte das meninas/mulheres no acesso à educação e aos bens imateriais produzidos pela ciência e pela tecnologia.

Assim como acontece em áreas do conhecimento, como a área de Exatas, a Informática é dominada por homens, apesar de haver mulheres trabalhando na área, inclusive sendo referencias (TABAK, 2002). Ainda são poucas as mulheres que consertam computadores e desenvolvem programas computacionais. Diante desse cenário, problematiza-se como estimular a participação feminina na área partindo da formação ofertada nos cursos técnicos em Informática do Instituto Federal de Rondônia (IFRO).

A presente pesquisa foi realizada por meio da observação participante, com base na leitura de textos e análise de situações vivenciadas por alunas acerca do preconceito de gênero

¹ Doutoranda em Educação Escolar pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR) - RO, livia.santos@ifro.edu.br

² Mestranda em Educação Escolar pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR) – RO, luciana.silva@ifro.edu.br

³ Professor orientador; Pós-Doutor em Educação Sexual pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) - SP, jgromendonca@unir.br

presente no ambiente escolar, preconceito este direcionado a meninas/mulheres que estudam no curso técnico em Informática.

Foi averiguado que a inserção das temáticas de sexualidade e gênero no currículo formal do curso foi considerada como bastante reduzida, havendo uma proeminência e preferência em relação às disciplinas técnicas, diminuindo os espaços para que se possa trabalhar esse tipo de desigualdade de gênero.

O preconceito sexual que se estimula através de "piadinhas", "brincadeiras" e várias maneiras de *bullying* surge como que automatizado e, muitas vezes, encontra-se estereotipado à luz do comportamento conservador que está presente em diversos Aparelhos Ideológicos do Estado como nas Escolas, nas Igrejas, na própria Família (ALTHUSSER, 2007).

Segundo Tabak (2002), apesar do aumento do número de mulheres que seguem carreiras científicas, elas podem ser encontradas predominantemente em áreas consideradas femininas, como Educação e Saúde, e os homens continuam a ser maioria nas ciências exatas, como as engenharias.

Deve-se salientar que essa divisão ocorre tanto nos países subdesenvolvidos como nos desenvolvidos. De acordo com a autora, a imagem da Ciência como ocupação masculina, a crença de que a mulher teria uma competência inferior à do homem, agiriam como barreiras na construção de uma carreira bem-sucedida no mundo científico. (TABAK, 2002, p. 57).

Tabak afirma que é relevante a maior participação feminina nas carreiras científicas e tecnológicas no Brasil, pois considera que “o país não pode se dar ao luxo de prescindir da incorporação de milhares de mulheres que venham a contribuir com seu talento e sua inteligência” (TABAK, 2002, p. 13) para o desenvolvimento científico e tecnológico do País, reduzindo a defasagem em relação a países mais desenvolvidos.

O perfil de homens que trabalham no meio tecnológico normalmente é representado como jovens rapazes que possuem intimidade extrema com o computador, se abstendo de relacionamentos sociais. Esta imagem faz com que muitas pessoas (homens e mulheres) não se sintam parte deste grupo, principalmente as meninas, que raramente são representadas, afastando-as cada vez mais (HAPNES, 1991).

A sociedade gerou estereótipos de diferenciação entre homens e mulheres, onde elas precisam estar devidamente vestidas, por exemplo, usar saias, maquiagem e adereços, e comportamentos aceitáveis como delicadeza, linguajar adequado e boas maneiras comportamentais. Porém, quando elas se desfazem de alguns desses conceitos para serem melhores aceitas, acabam sendo criticadas da mesma forma (JEFFREYS, 2014).

As pessoas estão conectadas com o mundo por meio de uma rede de internet alterando as relações sociais, as formas de comunicações estão transparentes e acontecem com uma velocidade que não se consegue detê-las. Então atualmente é mais acessível para a mulher perceber os lugares sociais e querer conquista-los.

De acordo com Foucault (1999, p. 145), o sexo é algo que está em constante processo de interpretação. E por isso, “é o elemento mais especulativo, mais ideal e igualmente mais interior, num dispositivo de sexualidade que o poder organiza em suas captações dos corpos, de sua materialidade, de suas forças, suas energias, suas sensações, seus prazeres”. Assim o processo do estudo da sexualidade demanda uma análise profunda, pois falar de sexualidade é falar do mais íntimo do ser, sua dimensão ontológica. Tal explicitação é fundamental para a compreensão da sexualidade e do ser humano.

A compreensão da sexualidade é diversa e suas relações sociais requerem uma discussão (FOUCAULT, 2003). As relações sociais que envolvem a sexualidade se encontram em abordagens em simbologias, técnicas, experiências e representações sociais que envolvam a Escola, a Família, o Estado, as Políticas Públicas, os campos Jurídico e da Saúde, assim como as articulações e organizações da Sociedade Civil no que tange aos Direitos Humanos, Direitos Sexuais, Preconceitos e Discriminações, como também regulamentações através de Leis, normas e padrões de comportamento que impõem regras sociais e relações de poder que, por vezes, contribuem para a reprodução de violências e deturpação da realidade social, especialmente nos casos de agressões físicas e emocionais a alguns grupos como de mulheres, homossexuais, afrodescendentes, indígenas, entre outros.

Por isso, é válido mencionar a importância de tal pesquisa acerca da discriminação de gênero na escola, pois ainda há um longo caminho a ser seguido pelas instituições educacionais quanto à disseminação de debates a favor da igualdade entre os gêneros. Nesse sentido, é função da escola desconstruir preconceitos relacionados à naturalização da dominação masculina na sociedade, de forma a contribuir para a diminuição do preconceito contra a mulher, tanto no ambiente escolar como fora dele.

Permeia em nossa sociedade o conceito de que é natural a divisão sexual do trabalho, ou seja, a divisão natural de atribuições, tarefas e lugares sociais para mulheres e homens, decorrentes das relações sociais de sexo. (MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E CIDADANIA, 2016) Essa forma é historicamente adaptada a cada sociedade e tem por característica a destinação prioritária dos homens a atividades produtivas com ocupações de forte valor social agregado, como comércio, indústria, empreendimentos e na política e as mulheres à esfera reprodutiva com atividades relacionadas a cuidados e afazeres domésticos.

METODOLOGIA

A pesquisa desenvolvida apresenta um caráter descritivo, de natureza qualitativa, para poder atingir o resultado proposto apresenta um direcionamento para permitir um maior entendimento do problema investigado, fundamental para a construção do instrumento de coleta de dados.

Houve a observação participante, com base na leitura de textos e análise de situações vivenciadas por alunas acerca do preconceito de gênero presente no ambiente escolar, preconceito este direcionado a meninas/mulheres que estudam no curso técnico em Informática. Assim, a proposta é de introduzir um problema que atinge a maioria das mulheres que é o preconceito latente das pessoas ao visualizar uma figura feminina realizando uma simples tarefa como de manutenção, suporte ou programação em computadores.

A pesquisa não necessitou de aprovação em comissões de ética ou equivalente pois não foi colhido dados diretamente de sujeitos, houve apenas a observação e acesso a registros do setor de Orientação Educacional da escola, sendo que uma das autoras é a Orientadora Educacional.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O ser humano questiona acerca do próprio existir, o “quem sou eu”, também questiona sua sexualidade no sentido ontológico, valorizando o corpo enquanto maneira única de ser no mundo, e não meramente objeto de desejo. Afinal, a sexualidade é em essência um modo de expressão, e liga-se estreitamente à capacidade amorosa e erótica de cuidar de si, do outro e da sociedade.

O erotismo emancipatório do qual se fala trata-se da manifestação profunda da capacidade humana de atuar ética e politicamente no mundo por meio de sua sexualidade. Segundo Romeiro (2010, p. 27), a sexualidade que buscamos deve

[...] desmascarar as ideologias e lançar bases éticas e estéticas para uma nova antropologia do prazer com rituais eróticos, amorosos, dignificantes, gratificantes, plenos de sentido, ou seja, ontologicamente autênticos com tempo e espaço para a plenitude da sexualidade. A proposta esta pautada na autonomia humana é uma nova significação e resignificação de toda a estrutura dimensional da vida, ou seja, uma plenificação da vida sexual humana.

Nesse contexto, o processo que deve ser iniciado começa por mudanças de valores sociais que se mostrem conservadores, com a quebra de paradigmas que reproduzam preconceitos e que devem ser conquistados através de modificações profundas das estruturas estruturantes (BOURDIEU, 2003), englobando a sociedade em longo prazo, sendo inegável o sintoma das relações de poder que perpetuam violências e regras sociais específicas, como os padrões de comportamentos sexuais e sociais.

Para Souza e Leão (2008, p. 5), a naturalização do comportamento feminino está associada à educação transmitida pela família, pois ela é a primeira instituição socializadora de meninos e meninas. As meninas são educadas para ter um comportamento submisso e passivo, fato que as incentiva a assumir papéis sociais associados ao âmbito do lar, como os papéis de mãe e esposa, ao contrário dos meninos, que são estimulados a assumir comportamentos voltados para a dominação, a independência e a força.

De acordo com as autoras, os estereótipos sexuais considerados adequados pelos pais são comunicados desde o momento em que o bebê nasce, através da cor que é vestida, dos brinquedos que ganha, dos comportamentos que é estimulado a ter e das respostas que aprendeu a retribuir. Para a menina é ensinado um comportamento de passividade, enquanto que para o menino é reforçado um comportamento mais agressivo, para que ele se torne independente e que seja forte (SOUZA; LEÃO, 2008, p. 5).

Houve casos de alunas que apresentavam desmotivação no curso de Informática e foram encaminhadas ao serviço de Orientação Educacional. Uma das alunas não estava mais frequentando o estágio, já estava no último ano do curso, que tem duração de três anos. Quando interrogada porque estava faltando no estágio disse que sentia uma certa intimidação pois no setor que estava estagiando só haviam homens trabalhando.

Mesmo a aluna não tendo relatado nenhuma situação de assédio sexual, percebeu-se que a maneira como era tratada, por ser a única mulher da sala, já a deixava intimidada ao ponto de faltar para não ter que lidar com tal situação.

A maneira de pensar e agir ou na ação e reflexão, é uma dicotomia que separa a sociedade no âmbito escolar. O preconceito as vezes é tão sutil que não é possível analisá-lo com clareza, nem a própria mulher que passa por ele consegue entender toda a sua amplitude, mas percebe que o seu ser, o seu feminino foi atingido, a tal ponto que a leva a duvidar de sua capacidade, até de terminar o curso.

O fato de estar em uma sala, trabalhando somente com homens, não é o fator único que desencadeia tais sentimentos de insegurança, mas eles eclodem porque surgem lembranças, porque raramente uma mulher irá passar por somente uma forma de intimidação na vida.

As ideologias não são estáticas, permanentes, elas funcionam de maneira hegemônica e se reformulam a todo o momento, sem perder a sua essência principal. A um confronto nesse processo, entre os intelectuais tradicionais, os orgânicos e a práxis da sociedade.

Os mesmos homens que muitas vezes intimidam uma profissional, podem nem sequer saber a dimensão de suas palavras e gestos, acreditam que não fazem nada, que não agem com preconceito, até porque foram educados assim. Por isso é importante que a Educação Sexual de gênero seja ensinada, não para julgar ou criticar os homens, mas para que conheçam a realidade feminina e ressignifiquem seus discursos, se for o caso, assim como essa educação é necessária a própria mulher, porque as mulheres também praticam o preconceito umas com as outras.

O Estado cria uma escola pobre de cultura, tendo como fins a profissionalização e a busca por empregos para as classes menos favorecidas. Mas o que se busca é uma escola rica de cultura, que valorize a mulher e o homem, independente do curso que deseje fazer.

Caberá à escola, a partir de sua função social e política, transformar-se em espaço de convivência saudável, ou seja, construindo e vivenciando práticas de Cultura de Paz, como condição para garantir o sucesso da educação. Sob essa ótica, segundo Ribeiro (2006, p. 167): “[...] educar para paz é, aprender a descobrir e enfrentar os conflitos para resolvê-los adequadamente; é possível encontrar nos conflitos cotidianos escolares, através de análise destes, soluções contrárias à violência”.

A escola que promove a paz não significa escola sem conflito. Chrispino (2007, p.120) entende o conflito como “toda a opinião divergente ou maneira diferente de ver ou interpretar algum acontecimento”, ou seja, o conflito tem origem na diferença de interesses, de desejos e de aspirações, de posições que são defendidas frente a outras.

Este autor explica ainda que os conflitos precedem da dificuldade de comunicação, de assertividade das pessoas, e de condições para estabelecer o diálogo. Partindo da experiência no âmbito escolar, observa-se que os conflitos escolares são, no contexto atual, os mais difíceis de mediação, pois nota-se uma proliferação de diversas situações que envolvem dimensões múltiplas da vida do estudante, e que provocam uma acentuação dramática da violência cultural.

É necessário aprofundar o diálogo entre os alunos, implicando uma dicotomia entre a palavra liberdade e o seu sentido etimológico e o significado para os educadores, pois o diálogo esgota na relação "eu-tu". A educação é o passaporte para um mundo novo, para um homem e uma mulher novos autônomos e acima de tudo humanista/dialéticos.

O diálogo contribui para a formação do ser através do conviver e do conhecer, fazendo desse movimento à maneira de fazer o pensar reflexivo objetivo e subjetivo do indivíduo na sua formação, a fim de torná-lo capaz de transformar e construir tudo a sua volta. É preciso a busca

por uma escola transformadora, humanista e criativa, talvez este é o grande desafio da educação brasileira nesse século XXI.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No cenário político que o Brasil vive abrimos um parêntese para dizer que é preciso compreender que a pesquisa científica não é uma atividade neutra, realizada ao acaso e movida pela curiosidade imparcial de um pesquisador. Ela é, sim, de fato, influenciada pelo contexto social mais amplo como, por exemplo, as condições sociopolíticas e econômicas de determinada sociedade, por contextos mais específicos como os relacionados à estrutura interna do curso ou instituição na qual é desenvolvida e pelo próprio pesquisador, com seu sistema de valores e crenças.

Portando para pesquisar sobre as dificuldades e desafios que as alunas enfrentam diariamente em um curso de Informática nos indagamos: por que pesquisamos sobre educação? Pesquisamos sobre educação para dar respostas a nós mesmos, a uma instituição, a uma gestão, a uma sociedade? Não há neutralidade em um processo investigativo conduzido por seres humanos.

Temos de considerar as vivências dos pesquisadores, visto que, como seres humanos, são dotados de anseios e dúvidas, ideologias e convicções. Assim, o que nos motivou a pesquisar provem das experiências de vida, sejam pessoais e profissionais, do contexto sociopolítico e econômico vivenciado e das lacunas existentes nas investigações científicas.

Esperamos contribuir para o debate sobre o momento histórico em que vive a educação, contribuindo de maneira ética e livre dos dogmas ideológicos, que encontramos na educação hoje. Apesar de cada um ter seus posicionamentos políticos e ideológicos sobre o papel da mulher na sociedade, é imprescindível que tenhamos liberdade de ouvir a todos e todas.

A pesquisa buscou provocar um questionamento sobre a ausência da atuação das mulheres na área de Informática, tendo em vista que o gênero não define a capacidade de uma pessoa. Dessa forma, faz-se necessário a continuidade desta pesquisa a fim de investigar com maior profundidade, junto com alunos e professores neste mesmo âmbito, para entender melhor esse impasse e propor uma intervenção viável que ajude a minimizar este problema no âmbito deste curso.

Sobre o preconceito, a segregação e o estigma para com as mulheres, é fato que precisamos rever as atitudes que causam violências e inferiorizações na escola, orientando a capacidade cognitiva e formativa do ser humano (sejam homens ou mulheres) para que,

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

finalmente, seja um indivíduo competente em sua área, envolvendo a competência técnica e capacidade de respeitar e valorizar a diversidade.

Reiteramos que os espaços de formação de cursos técnicos devem também envolver debates sobre direitos, desenvolver aspectos sociais da vida cidadã, em que as mulheres possam manifestar suas inquietudes e conquistar referências de respeito mútuo.

A discriminação contra as mulheres e meninas, futuras técnicas em Informática, é manifestada através de piadas, brincadeiras de mau gosto, olhares, gestos e atitudes preconceituosas que precisam ser seriamente discutidas na Escola. É inconcebível que no Sistema Educacional não façamos tamanha discussão.

A própria Escola enquanto Instituição precisa aprimorar conhecimentos e compreender que a sociedade é dinâmica, que caminha em constante transformação histórica e que os processos educacionais necessitam de práxis social para que ações concretas, eficazes, de diálogos e reconhecimentos possam fazer parte do currículo escolar.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos de Estado**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

CHRISPINO, Álvaro. **Gestão do conflito escolar: da classificação dos conflitos aos modelos de mediação**. Ensaio: Avaliação Política Pública de Educação, v. 15, n.º 3, 2007, pp.119-134.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade**. A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FOUCAULT, M. **Ditos e Escritos, Vol. IV: estratégia poder-saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

HAPNES. **The production of male power in computer science**. In: I. Eriksson, B. Kitchenham & K. Tijdens (eds.) *Women, Work and Computerization*. Proceedings from the 4th IFIP Conference in Helsinki, Amsterdam: North-Holland (1991).

JEFFREYS, Sheila. **Beauty and misogyny: Harmful cultural practices in the West.** Routledge, 2014.

MJC, Ministério da Justiça e Cidadania. **O que é divisão sexual do trabalho e como ela incide nas relações de trabalho?** 2016. Disponível em: <<http://www.spm.gov.br/arquivos-diversos/aceso-a-informacao/perguntas-frequentes/perguntas-frequentes-sae/o-que-e-divisao-sexual-do-trabalho-e-como-ela-incide-nas-relacoes-de-trabalho>>. Acesso em: 15 agosto 2019.

RIBEIRO, Raimunda. **Educação e Paz: Construindo Cidadania.** In: BOMFIM, Maria do Carmo Alves do (org.) e Kelma Socorro Lopes de Matos. Juventude, Cultura de Paz e Violência na Escola. Fortaleza: Editora UFC, 2006, p.166-167.

ROMEIRO, A. E. **Schopenhauer e a metafísica da vontade: confluências éticas e estéticas para uma abordagem da educação e da sexualidade.** Dissertação (mestrado). Universidade Estadual de Campinas - Faculdade de Educação. Campinas, SP. 2010.

SOUZA, Fabiana Cristina de. LEÃO, Andreza Marques de Castro. **Entre o discurso pedagógico e ideológico na escola: estereótipos de classe, raça e gênero.** In: Seminário Fazendo Gênero, 8, 2008. Florianópolis. Anais...Florianópolis: UFSC, 2008. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST1/Souza-Leao_01.pdf. Acesso em 23/09/2019.

TABAK, Fanny. **O laboratório de Pandora: Estudos sobre a ciência no feminino.** Rio de Janeiro, Garamond, 2002.